Jornal defensor dos interêsses de Guimarães e o de maior tiragem e expansão no Concelho

Notícias de Guimarães

Ano 17.º N.º 837
GUIMARÃES, 15 de Fevereiro-1948
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313
Comp. e Imp., Minerva Vimaranense. Tel. 4177
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Águas passadas...

Uma frase que vale uma profecia política —Os riscos de a proclamar em imagem

Gualterianas de 1908. O apelo dos vimaranenses para que enfeitassem a fachada dos seus prédios, era tomado a sério. Mesmo sem foros de competição, o brio dos naturais era vitalizante. Razão por que eu me dei a pensar — qual a maneira mais bizarra e original de engalanar a varanda da casa que na Rua da Raínha tem os n.os 154 a 160.

Achei!

Um barco à vela. Dentro deste barco, dois figurantes: um ao leme, outro por embarcadiço. O primeiro, vestido de marinheiro, representaria o chefe do Governo, Almirante Ferreira do Amaral. O segundo, vestido a preceito, era o *Zé Povinho*, que o caricaturista Bordalo nacionalizou no pacóvio de aldeia. E, para que o barco oferecesse a ideia exacta da Nação, a vela que nele se erguia, enfunada, era a Bandeira azul e branca, com o respectivo escudo. Sobre o casco deste barco trabalhado a papel de seda, de cor branca, podia ler-se esta legenda:

— Onde irá «isto» parar!...

*

Frente da casa onde esta exibição-crítica se mostrava, o povinho parava a contemplar. O maior número não ligava sentido ao enfeite da varanda. Esta cena de uma *ideia figurada*, não representava aos olhos do maior número mais que simples cena muda de bonecos. E, passavam adiante, sem fazer outro comentário além dos consabidos: «é bonito», «é feio». Os outros, paravam, esgaravatavam na cachimónia, tirando do bestunto o ácido corrosivo desta conclusão:

— *Aqui, há coisa!... Política, pela certa!... E da vermelha!*

Para mais, acrescentavam, chamando a atenção dos incrédulos:

— *Vejam... A coroa real está voltada para baixo!...*

Uns dizendo, outros ruminando, lá se foi produzindo na opinião pública o petardo contundente:

— *Sr. Joaquim: mande tirar essa... coisa, da sua varanda! O seu filho compromete-o!...*

Sou chamado a capítulo, por meu Pai. E o bom do meu progenitor ouviu a minha exposição, sincera, leal. A justificar quanto estava afastada a ideia republicana daquela exibição figurada, recordei que dias antes era o circunspecto «Comércio do Porto», em artigo de fundo, quem preguntava: — *Onde irá isto parar!*

Como querendo significar que a Nação, boiando em mar encapelado, com rota desconhecida, ia à deriva para o desconhecido.

E meu bondoso Pai, aceitando o argumento em confissão, voltou as costas aos críticos, mantendo na fachada da sua moradia aquela altiva manifestação, que era, acima de tudo, liberdade de pensamento.

Um dos que mais aferroadamente pugnava, junto de meu Pai, para que fosse abatida aquela exibição — barco, figuras, bandeira e tudo — era aquele vizinho, compadre e amigo certo de nossa casa, a quem eu, fraternalmente, usava tratar por — *Sê Zèzinho da Sola.*

Simplesmente meu Pai não se mostrou convertido às razões do seu compadre e amigo, ao qual acabou por responder, em momento de azedume:

— *Olhe, compadre: o que você tem é... inveja!*

E afastaram-se num amuo que havia de durar... horas.

*

Por que é que o vizinho havia de ter inveja daquela ornamentação de 1908, se, contra o sentido figurado da mesma, impendia o risco da borrasca popular?

De facto, todos os *Saragoçanos* da política afirmavam que a Monarquia ia... à vela. O simbólico barco de papel, navegando sobre as ondas encapeladas, de papel, não deixava de significar, naquela emergência política, a crítica oportuna e exacta da situação. Proclamá-lo, não foi da minha parte ousadia profética. Eloquente era, pois, a figura do *Zé Povinho*, de mãos na cabeça, como que, clamando, aflito:

— Onde irá isto parar!

A. L. de Carvalho.

AO ABADE DE BAÇAL

Celebrando a memória de um parente
que representa o génio lusitano,
neste soneto eu quero, reverente,
honrar a glória do saber humano:

Ele, decifrador de todo o arcano,
arqueólogo ilustre e persistente,
foi outro infante que por novo oceano
também legou à Pátria um continente.

Das ciências fez alto monumento
com dourado pomar abrindo em gomos,
para dar à cultura mais aumento.

Deus te guarde, Reitor, — luz de Baçal —
que, condensando a sua Pátria em tomos,
resumindo, ampliou mais Portugal!

Rio de Janeiro,
Dezembro, 1947

MAXIMIANO A. GONÇALVES.

Morreu um Jornalista!

Com 82 anos de idade faleceu, há dias, em Viana do Castelo, o infatigável jornalista Bernardo da Silva, que foi durante uma vida inteira de trabalho canseiroso e persistente o Director da *Aurora do Lima* — decano dos jornais da Província do Minho, em cujas colunas soube realizar uma obra notável de regionalismo que o impôs, sempre, à estima e à consideração de toda a gente.

Com Bernardo da Silva, cujo cadáver foi levado a enterrar na passada quinta-feira, desaparece um Homem de Bem e um Jornalista de pulso firme. Pode bem afirmar-se que a sua morte foi profundamente sentida por todos os habitantes da linda Princesa do Lima e veio enlutar toda a imprensa da província do Minho, tantas eram as qualidades morais da figura que acaba de finar-se, tão grandes eram os seus méritos profissionais.

Morreu o decano dos jornalistas da nossa Província. Ante a sua memória saudosa nos curvamos respeitosamente, bendizendo o seu nome e a sua Obra.

Notícias de Guimarães que endereçou à Redacção da *Aurora do Lima* um telegrama de condolências logo que teve conhecimento da triste ocorrência, fez-se representar no funeral do venerando ancião pelo Ex.mo Sr. Dr. Elio de Vasconcelos, distinto médico de Viana do Castelo e amigo íntimo do extinto.

Assis Chateaubriand

de passagem por Lisboa

falou a um nosso Colega do medo na zona de ocupação russa na Alemanha e apresentou uma iniciativa interessante

De avião, chegou, ontem, a Lisboa, onde se demorou pouco mais de 45 minutos, o conhecido jornalista e escritor brasileiro Assis Chateaubriand, director dos «Diários Associados», que depois de visitar a América do Norte onde assinou contratos para a compra de aparelhos de televisão, que vai instalar na rede de emissoras brasileiras, esteve na Alemanha, a convite do general Robert Walsh, comandante da aviação norte-americana que, durante a última guerra, dirigiu a defesa do Atlantico Sul, com base no Natal.

Sobre as suas impressões da Alemanha, Assis Chateaubriand, em conversa com os jornalistas, afirmou que lhe parecera outra.

Muito diferente da outra Alemanha, que todo o Mundo conheceu durante a guerra. O que mais me impressionou foi a apatia do povo alemão e a sua indiferença pelo defunto nazismo... Parece que Adolfo Hitler morreu há 12 mil anos... Hoje, o Fueher Adolfo Hitler não passa de um faraó... Visitei, também, a zona de ocupação russa — mas só de raspão. Mas foi o suficiente para observar a timidez, as precauções, o medo, uma espécie de terror dos alemães que, por sua desgraça, lá têm que viver... As mulheres e as raparigas alemãs andam munidas de veneno, receosas pelo dia de amanhã — aquele em que os americanos saiam da zona que actualmente ocupam. Os russos violaram tantas mulheres — que as outras vivem cheias de temor pelo futuro.

Duas iniciativas de larga projecção

Assis Chateaubriand, grande amigo de Portugal, a quem se devem artigos de interpretação justa da vida portuguesa, fala-nos, a seguir, entusiasmado, das mravilhas de Mafra, dos trabalhos ùltimamente feitos para a sua valorização, etc. A propósito, lembra a conveniência de se estudar a realização de um certame de Arte portuguesa no Brasil.

E acentua:

— Estou convencido que a ideia seria bem acolhida e eu e os «Diários Associados», patrociná-la-iamos. A exposição seria feita no Rio e em S. Paulo. Estudem essa ideia e realizem-na. Há interesse mútuo em tal obra, que representaria mais um passo no desenvolvimento das relações luso-brasileiras. São iniciativas destas que fazem aumentar a amizade que nos une.

Já a caminho do avião, Assis Chateaubriand fala da sua próxima visita a Portugal, no fim do ano, e termina:

— O Sousa Guise, esse grande industrial português, a quem o Brasil tanto deve, apresentou-me uma iniciativa logo patrocinada pelos «Diários Associados», fretar um «Bandeirante» da Panair e trazer a Portugal um grupo dos brasileiros mais representativos para visitar as províncias de Portugal no segundo semestre deste ano. Essa visita dará oportunidade a alguns dos meus patrícios de conhecerem Portugal e falarem dele com mais justiça e honestidade.

(Trancrevemos de «A Voz»)

DR. JOSÉ J. DE OLIVEIRA

Na próxima Terça-feira, dia 17, passa o aniversário natalício do nosso querido Amigo e distinto Advogado em V. N. de Famalicão, Sr. Dr. José Joaquim de Oliveira, antigo Governador Civil do Distrito e figura de destaque, que conta no nosso concelho as maiores simpatias e a quem *Notícias de Guimarães* apresenta os melhores cumprimentos e as mais efusivas felicitações.

"NOTÍCIAS DE GUIMARÃES,,

O nosso ilustre colega *Notícias de Vizela* no seu úitimo número refere-se, em termos muito lisonjeiros, à passagem do aniversário do *Notícias de Guimarães*, o que agradecemos.

O Chefe do Distrito

foi muito cumprimentado pela passagem do seu aniversário natalício

Por motivo da passagem do seu aniversário natalício, ocorrido no pretérito dia 10, o Sr. Major Nery Teixeira, prestigioso Governador Civil, foi muito cumprimentado e felicitado naquele dia e no seu gabinete por numerosos elementos representativos de todo o distrito.

Notícias de Guimarães associa-se gostosamente e embora tarde às homenagens que foram prestadas ao ilustre magistrado, a quem deseja as maiores prosperidades pessoais e a continuação dos melhores triunfos no alto cargo que vem exercendo no nosso Distrito e que tanto tem sabido prestigiar.

José Pelayo e Silva
Solicitador encartado
Escritório: Largo do Toural, 52-1.º
— — GUIMARÃES — —

CONTRASTES!...

O Carnaval

Quando, em outros tempos, o Carnaval se orgulhava de possuir a dignidade de majestade e de ter o seu reinado de alegria de muitos e variados divertimentos, hoje, pelo contrário, vêmo-lo transformado em figura de lacaio de qualquer novíssimo rico e, portanto, destronado daquele lugar onde tanto se evidenciou, para, afinal, vir assentar arraiais na decadência, para ela arrastado pelo decorrer dos anos e até dos séculos. Hoje, a sua existência nada mais representa do que um triste e miserável reflexo do passado, sendo apenas acarinhado pela inocência e pela alegria das criancinhas, as únicas que ainda lhe chamam o Rei Carnaval e através das quais ele surge como que uma romântica personagem dos seus tempos mais gloriosos. E' assim, lançado nas trevas da ingratidão do tempo e dos homens, que o Carnaval ainda existe em Portugal, rodeado de simbólicas máscaras de papelão, mas que, apesar de tudo, são significativas de mais lealdade e de mais sinceridade do que aquelas com que se mascaram todo o ano certas pessoas, a fim de ocultarem o virus da maldade, da intriga e da calúnia, como algumas que muito bem conhecemos, embora tenham a pretensão de iludir os incautos com a naturalidade da *máscara humana* que as caracteriza. Acautelemo-nos, pois, destes mascarados e deixemos o verdadeiro Carnaval entregue ao destino do futuro!

Festas da Cidade

Por informações fidedignas, sabemos que a Comissão Executiva das Festas da Cidade para o ano corrente deve ficar constituida dentro de breves dias, para o que estão sendo feitas as necessárias dèmarches.

Estamos convencidos que a escolha dos nomes para a nova Comissão há-de recair em pessoas que, seguindo a orientação daquelas que nos anos anteriores têm tratado de tais assuntos, procurem imprimir às Gualterianas de 1948 o mesmo brilho e esplendor das de anos transactos.

De prever é, pois, que durante o mês de Março que se avizinha, possa dar-se início aos trabalhos das Festas da Cidade, por forma a que, com a antecedência devida, como nos outros anos se tem verificado, tudo seja tratado com ponderação e a tempo e horas para que Guimarães possa brilhar mais uma vez, realizando as suas festas tradicionais, que de ano para ano mais vêm subindo no conceito dos muitos milhares de pessoas que a elas assistem e retiram maravilhadas.

Morena...

a Alguém

Pequena, menina ainda...
linda morena!, morena linda!

Linda, formosa mais que uma rosa;
mais que uma flor cheia de amor;
mais que a açucena de graça plena;
e serena, e amena, muito amena...
linda morena!

Morena!,
assim,
a mim afim,
tu és uma bela guarida
ou uma gabela florida
ou uma gamela fugida
ou uma gazela ferida
ou uma estrela do céu caída
ou a janela da minha vida,
mais do que a vida querida ainda...
morena linda!

Morena linda do meu sonhar!
nasci pra ti:
hei-de te amar...
Hei-de te amar com mais vagar
assim pequena,
menina ainda,
linda morena!, morena linda!

Guimarães, 12-2-48.

Morry.

inocência e pela alegria das criancinhas, as únicas que ainda lhe chamam o Rei Carnaval e através das quais ele surge como que uma romântica personagem dos seus tempos mais gloriosos. E' assim, lançado nas trevas da ingratidão do tempo e dos homens, que o Carnaval ainda existe em Portugal, rodeado de simbólicas máscaras de papelão, mas que, apesar de tudo, são significativas de mais lealdade e de mais sinceridade do que aquelas com que se mascaram todo o ano certas pessoas, a fim de ocultarem o virus da maldade, da intriga e da calúnia, como algumas que muito bem conhecemos, embora tenham a pretensão de iludir os incautos com a naturalidade da *máscara humana* que as caracteriza. Acautelemo-nos, pois, destes mascarados e deixemos o verdadeiro Carnaval entregue ao destino do futuro!

Muita gente e muita ordem

Conforme noticiaram vários jornais, o Campo de jogos da Amorosa registou, no domingo passado, uma enchente formidável de adeptos do foot-ball, cujo número foi calculado em cerca de **quinze mil!** No entanto, o acontecimento mais notável — pelo menos para nós — foi o de o encontro entre o Vitória desta cidade e o Sporting de Braga se ter realizado sem qualquer incidente que desse lugar a comentários desagradáveis, quer por parte dos jogadores, quer por parte da assistência. O facto de assim ter sucedido constituiu um exemplo de boa ordem e de boa disciplina desportiva, motivo, sem dúvida, de grande satisfação para os vencedores e para os vencidos, visto que, perante essas circunstâncias, nem a vitória se tornou inferiorizada nem a derrota se tornou humilhante. E' assim, dentro de um ambiente dessa natureza, que o desporto — seja qual for — se deve realizar. Infelizmente, no que diz respeito a foot-ball, tem sucedido, com bastante frequência, o contrário do que em Guimarães se verificou no último domingo e, por isso, bom será que o exemplo em referência seja apontado como o meio mais eficaz de se dignificar esse sector desportivo, desde a acção técnica e disciplinada dos respectivos jogadores até à impecável correcção da própria assistência. E quando assim acontecer, o desporto do foot-ball encontrar-se-á integrado na sua verdadeira finalidade, isto é, passará a ser bem praticado e bem compreendido sob todos os seus aspectos.

Com vista à S. P. A.

Já em tempos chamamos a atenção da Sociedade Protectora dos Animais para a Lei que proíbe o excesso de carga transportada pelos mesmos. Como vítima do abuso praticado perante essa Lei, apontamos o desgraçado quadrúpede da carroça do correio, que, apesar de não se queixar do excesso das cargas que tem transportado da Estação dos C. T. T. para a Estação do Caminho de Ferro, nem da crueldade das mãos que manejam o chicote do comple-

MENDICIDADE

De há tempos a esta parte a cidade tem sido invadida por grande número de pobres de fora, que se estendem pelas ruas e junto das casas de diversões, assim como às portas das igrejas, oferecendo-nos um espectáculo desagradável e, por vezes, impressionante, tantas são as lamúrias e tamanha a exposição das suas misérias.

Vêm de concelhos diferentes e alguns de bem longe esses desgraçados que, de quando em quando, infestam a cidade para fazer passar pelos nossos olhos um quadro tão desolador.

E por que não pôr termo a isto que se está vendo todos os dias e por todos os lados?!

Os nossos pobres, aqueles que aqui nasceram e aqui vivem, temos obrigação de olhar por eles. Os outros, compete aos seus patrícios e às Autoridades das suas terras ampará-los e protegê-los.

E' necessário, pois, que se tomem medidas capazes de pôr ponto final ao espectáculo que por aí se observa tão frequentemente.

mento do seu martírio, se torna digno da protecção da S. P. A., no sentido de não continuar a ser vítima de tanta selvajaria. Aqui fica o nosso apelo e oxalá que o mesmo seja tomado em consideração pela colectividade em referência.

Falta de humanidade

O facto de termos falado de carga demasiada para os animais, proporcionou-nos a oportunidade de levantarmos o nosso protesto contra a forma como são tratados alguns menores ao serviço de certas pessoas, que deles abusam sem dó nem piedade, mandando-os conduzir pesos incompatíveis com a sua idade. E' assim, por meio dessa falta de humanidade, que muitos ficam inutilizados fisicamente e, portanto, sem condições de mais tarde poderem vencer a luta pela vida. Para casos desses, chamamos a atenção de quem de direito, pois há-de haver alguém com atribuições que lhe permitam reprimir essa barbaridade e também falta de caridade para com o seu semelhante.

Convite

Não vamos falar do *convite à valsa*, mas sim faze-lo ao Sr. Darmoa, muito apreciado colaborador do «Notícias», a fim de que dedique umas «Farpas» aos carros funerários cá do burgo, pois que até os Mortos lhe ficarão gratos. Se estiver de acordo, salte para a arena com a sua caneta e farpeie à sua moda.

Vida feliz?

Segundo o paladar de algumas pessoas, o melhor processo para se gozar uma vida feliz é passar o tempo a jogar as cartas num café — possivelmente a bisca — embora isso, por outro lado, não se ajuste ao nível de civilização a que aspiramos. No entanto, três cavalheiros e uma dama assim o fizeram na terça-feira de Carnaval, no Café do Toural, não se lembrando, talvez, de que estavam num café de certa categoria. E' preciso notar-se que não foi uma brincadeira carnavalesca, pois que, se assim tivesse acontecido, esse caso não teria sido tão reparado nem tão comentado.

E' isto — e o que mais se terá de ver no futuro — que as gerações vindouras não deverão estranhar, por que tempo virá em que as mulheres usem calção em vez de saia curta e os homens passem a usar colete de espartilhos!

X.

No meu Cantinho

Entre os problemas mais intrincados do viver do Estado Novo avulta o mais que discutido tentame das Casas do Povo.

Na segunda quinzena do invernoso Janeiro tive ensejo de folhear e ler a pouco e pouco a recente publicação da **Biblioteca das Casas do Povo** com a desassombrada epígrafe «Enfrentando o destino das Casas do Povo».

São os discursos do Subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social.

Ao fim pude rabiscar: —
E que direi do Livrinho?
Modelar sinceridade?
Nacionalismo ardente?
Impressão muito cuidada?
Ilustrações muito próprias?
E não fiz mais redondilhas.
O Gualberto não acha que bastam?

* * *

No último número da *Renascença* ocupa três colunas a Homenagem ao Padre Matos Soares.

Fernando de Castro Pires de Lima foca com pena magistral a Obra tríplice do vulto que emoldura como *Um grande lutador dos tempos modernos*.

Lutar assim é alta maravilha!

* * *

O incansável A. Montenegro já deixou os ares da Costa para o merecido descanso na Capital do Império.

No último volume das *Graças de S. João de Brito* vê-se que estão saldadas as avultadas despesas da Canonização do Mártir Insigne e verifica-se, nas suas miúdas 70 páginas, até onde chega o valimento do Santo cada vez mais invocado.

Honra e Glória ao Santo ilustre!

G.

Círculo de Cultura Musical

Continuação da lista dos sócios da Delegação do Círculo de Cultura Musical:

Dr. Domingos Rocha, Amadeu da Costa Carvalho, D. Maria da Conceição da Silva Carvalho, João Afonso Ribeiro da Costa, D. Maria Manuela Melo da Costa, Fernando Roberto Pereira da Cunha e Castro, D. Maria Estrela Sousa Vieira, Armindo Coelho, Alfredo José de Sousa Felix, Visconde Viamonte da Silveira, Delfim de Carvalho, José Antunes da Silva, D. Joana Martins de Meneses da Silva Bastos, Gaspar Ferreira Paúl, Coronel Mário Cardoso, D. Maria da Conceição Matos Cardoso, José Faria Martins, José Maria Nunes, Inácio Ferreira da Costa, Engenheiro Eleutério Martins Fernandes, D. Maria Filipa Freire de Andrade Martins Fernandes, Lúcio de Carvalho, D. Elvira Maria da Silva Carvalho, Alberto Campos da Silva Costa, D. Zilda Leite de Castro Campos, João Passos Bastos, António de Azevedo, Arlindo Souto, Aurélio de Barros Martins (Ferra), D. Alexandrina F. de Aguiar Mendes Ribeiro, José Mendes Ribeiro Júnior, José Pinto de Almeida, D. Maria Peres, D. Maria José N. Teixeira de Abreu, D. Maria Amélia N. Teixeira de Abreu, José Fernandes, Dr. Julião Carneiro, António Vaz da Costa, D. Emília Marques da Costa, D. Maria Emília Marques da Costa, D. Adelaide Marques da Costa, D. Maria Aurora Marques da Costa, D. Maria Elisa Marques da Costa, D. Maria Alzira Marques da Costa, António da Costa Pinheiro, D. Maria da Conceição Marques Pinheiro, Viscondessa da Silveira, António Leite Pereira da Silva.

(Continua).

Fernando Pizarro de Almeida
ADVOGADO
ESCRITÓRIO:
Rua de Gil Vicente, 66
GUIMARÃES

Anunciar no «Notícias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda.

Quando Teixeira de Pascoaes *vem a Amarante*

Teixeira de Pascoaes, exilado na sua casa de Pascoaes, em Gatão, o centro onde se bebe o melhor vinho verde, de vez em quando vem até a Amarante.

Tem um sítio preferido para passar o seu tempo: a Confeitaria Amarantina e aí permanece horas e horas, sentado a uma mesa, depois de beber o seu café, ou melhor os seus cafés.

De manhã, o seu pequeno almoço é uma caneca desta bebida, acompanhada dum bocado de pão de milho. O de trigo é por ele considerado como um veneno.

E' um conversador admirável e encantador, revelando uma mocidade extraordinária.

A sua máscara expressiva parece ser feita da pedra dura do Marão. Pascoaes e Marão andam unidos. Um sem o outro é o mesmo que nada. Ambos se completam. A sua face enrugada, mumificada, escaveirada, os olhos fundos, ganha vida e calor quando se entusiasma, no aceso da discussão.

Os vimaranenses bem conhecem essa máscara quando ele há anos realizou uma conferência na Sociedade Martins Sarmento.

Discute mil e um assuntos desde o mais fácil ao mais difícil. Medicina, arte, literatura e até astronomia ele discute com a mesma facilidade com que disseca a personalidade dum Santo Agostinho ou dum Napoleão.

Durante a sua conversa as imagens sucedem-se contìnuamente. E que imagens! Reparem para esta quando se fala de Lisboa:

— «Lisboa é uma gaivota de asas brancas, estendendo-se uma até Arrábida e outra até Sintra!»

Fala depois do que publicou e tem para publicar, lamentando o abandono a que o votaram.

«Publiquei Santo Agostinho e nem um jornal falou nele! — lamenta-se Pascoaes.

Acha duma necessidade o ambiente à volta do escritor criado pelos jornais. Daí a sua desistência de publicar mais algum volume. Enveredou pelo romance.

Tem pronto um livro de novelas e «Cartas a uma poetisa» mas não publicará nada.

Em alemão, sai em breve «Duplo Passeio», tradução feita por Thellen, espírito curiosíssimo de alemão com o seu quê de feiticeiro.

Admira Alves Redol e de Ferreira de Castro diz que é pena não ter talento.

Traz um fato de alpaca e um laço de pontas caídas.

No dedo anular dois anéis de aço. Um tem as letras B. B. C. em ouro. Foi-lhe dado pela emissora inglesa quando aí fez uma conferência.

De vez em quando tira duma caixinha de prata um cigarro feito de tabaco havano.

A questão social também o interessa. As imagens sucedem-se contìnuamente.

Fala-se das moscas que importunam nesta época de verão as pessoas e de Pascoaes sai esta fala:

«Em Lisboa parece que não há moscas e as que lá há não pousam nem zumbem. São os fantasmas das que morrem cá no norte!»

Fala-se de turismo e Pascoaes comenta logo:

«Sou por natureza anti-turista. Os turistas borram a natureza: são ossos, papéis e quando bebem demais então não lhes digo nada!»

Evoca factos curiosíssimos da sua vida de escritor, recorda figuras conhecidas, umas vivas, outras já mortas. Conta o caso curiosíssimo e inédito de quando foi visitar Leonardo Coimbra na sua casa de Matosinhos.

Numa manhã fria e nevoeirenta encontrou o filósofo com o chaile da sua mulher, já bastante coçado pelas costas, e nos pés uns chinelos também dela.

Tinha ao colo um sobrinho, com quem brincava, e os pés sobre uma escalfeta, apagada.

E Pascoaes, comenta:

«Um professor que lá fora seria o maior numa Universidade, em Portugal nem sequer ganhava para ter brasas na escalfeta!»

De Guerra Junqueiro fala com saudade e diz que dele conserva um livro inédito — «Cantos populares de Trás os Montes» — que o poeta lhe deixou em testamento para o publicar e prefaciar.

Mas Pascoaes diz:

«São tão fracos que qualquer principiante a poeta teria vergonha de os assinar!»

Foi o que registámos na memória, durante a última vez que estivemos com Teixeira de Pascoaes, que se encontrava rodeado pelo pintor Carlos Carneiro, o jornalista Carlos Neves, do «Diário Popular» e do «Diário de Notícias».

E confesso-vos que foram umas horas deliciosas que passámos...

Amarante, Dez. 47.

Fernando Soares.

FUTEBOL

O Vitória bateu o Sporting de Braga por 3-1 num jogo correcto e emotivo

Os despiques futebolísticos entre vimaranenses e bracarenses constituiram desde sempre motivo de grande atracção, arrastando a presenceá-los uma multidão apaixonada, vinda de todos os pontos da província.

No domingo passado assim foi mais uma vez, vendo-se o campo do Vitória pejado de adeptos do Desporto-Rei, os quais incitaram entusiàsticamente os seus favoritos, mas souberam manter uma compostura digna de registo e de todo o louvor. Braga mandou-nos, com o seu representante, uma numerosa e aguerrida falange de apoio, mas os vimaranenses desta feita também souberam ser pródigos no dispêndio de aplausos e incitamentos aos seus rapazes, não os abandonando um só momento.

Assim, a luta apresentou-se extremamente emotiva, tendo jogadores e assistentes vivido momentos de depressão torturante e outros de intensa alegria.

E' assim o futebol — o mais popular e emotivo de todos os desportos.

*

O prélio entre os dois grupos foi seguido com o maior interesse, tanto mais que desde o encontro da Taça do Minho, entre os mesmos contendores e no mesmo campo, andava no ar uma dúvida, nascida do empate que então se verificou, e a qual, com toda a justiça, veio a decidir-se a favor do Vitória.

Houve domingo do lado do Sporting, a meio do terreno, jogadas impecàvelmente delineadas, daquelas jogadas que agradam à vista do espectador pelo *rendilhado* que patenteiam, mas que, em boa verdade, são muito pouco práticas e portanto nada aconselhadas para bem servir o fim que se visa em lutas de campeonato — marcar tentos para ganhar encontros.

Ao contrário disto, o Vitória fez uma exibição sóbria, sem «bonitos» dispensáveis, mas antes com aquele sentido prático que os jogos desta natureza exigem: chegar o mais depressa e o maior número de vezes possível à zona de perigo adversária, pondo em sobressalto constante a sua defesa.

E foi assim, foi seguindo este sistema de jogo de «andar para a frente», que o Vitória levou merecidamente de vencida o seu velho rival. Os seus homens — todos eles — lutaram desde o princípio ao fim com insuperável vontade, e se um ou outro teve de ficar em plano de inferioridade em relação aos companheiros, não foi por menor dispêndio de energia ou falta de intenção de acertar. Foi simplesmente porque as coisas nem sempre saem como se pretende. Sem menosprezo, portanto, para os restantes, justo é referir especialmente a brilhante actuação de Miguel, Franclim, Costa e Curado, na verdade todos em tarde de boa inspiração.

O Sporting de Braga mais uma vez se mostrou digno adversário do Vitória, tendo também lutado com extraordinária vontade. Alguns dos seus homens sendo, porém, bastante débeis, não puderam na segunda parte suportar o maior poder atlético do adversário, motivo por que tiveram de se submeter. Gostámos do guarda-redes, de Palmeiro, de Diamantino e Eloi.

A primeira parte, que decorreu com equilíbrio territorial, terminou empatada a uma bola, sendo a do Sporting marcada por Diamantino, aos 27 minutos. O Vitória repôs a igualdade 4 minutos depois por Tarugo.

Na metade final o Vitória comandou e fez mais dois tentos, por Franclim, aos 5 minutos, e por Brioso, aos 36.

Os grupos formaram:

Vitória — Machado, Ferreira, Costa, Luciano, Curado, Garcia, Tarugo, Rebelo, Brioso, Miguel e Fraclim.

Sporting — Marques, Palmeiro, Sobral, A. Marques, Daniel, Joaquim, Nelo, Elói, Cassiano, Diamantino e Frederico.

*

A arbitragem, confiada a Vieira da Costa, não tendo sido má, não esteve todavia à altura da sua reconhecida competência. Cometeu alguns erros, motivados principalmente pelo seu excesso de autoridade, que o levou a desprezar as infracções assinaladas pelos juízes de linha. Não gostámos, francamente, dessa atitude.

J. G. F.

Vitória Sport Club

Eleição dos Corpos Gerentes

No sábado passado realizou-se, no Salão nobre dos Bombeiros Voluntários, a anunciada Assembleia Geral do Vitória, para a eleição dos novos corpos gerentes. Presidiu o Dr. José de Moura Machado, sendo a Assembleia muito concorrida.

Foram ventilados vários assuntos e, por aclamação, eleita a nova Direcção, que é assim constituída:

Assembleia Geral

Presidente, Aprígio Neves de Castro; 1.º Secretário, Luís Filipe Gonçalves Coelho; 2.º dito, Helder de Lemos Rocha.

Conselho Fiscal

Dr. João Mota Prego de Faria, António Pimenta e Dr. Manuel Jesus de Sousa.

Direcção

Presidente, Antero Henriques da Silva; Vice-presidente, António Urgezes Santos Simões; 1.º Secretário, Alberto Carlos Abreu; 2.º dito, Diamantino Soares Mourão; Tesoureiro, João Mendes de Oliveira; Vogais: Aníbal Dias Pereira e António P. Magalhães Ribeiro.

Suplentes: Francisco Ribeiro de Castro, João Dias Pinto de Castro e Jacinto Teixeira.

O CARNAVAL

O Carnaval passou... quase sem nos dar um ar da sua graça.

A velha tradição carnavalesca foi assinalada apenas por algumas reuniões em família e por sessões de cinema no Teatro Jordão, em cujo Restaurante também se realizou, na tarde de terça feira, uma festa infantil, com prémios às crianças.

Na sede da Associação Artística realizaram-se animadas reuniões dançantes e, nas Oficinas de S. José, houve na terça-feira de tarde um interessante espectáculo, em que tomaram parte, demonstrando habilidade, alguns internados daquela modelar Instituição.

Nas ruas alguns grupos, muito raros, de crianças davam a nota do Carnaval.

Animação, a que houve, notou-se apenas no Teatro e pelos seus corredores, onde se jogou à *valentona*, como antigamente...

O ANIVERSÁRIO da Associação Artística

A Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranense festejou, no Domingo, com a costumada solenidade, o seu aniversário.

A's 10,30 horas e na Basílica de S. Pedro, o Rev. Avelino Borda, capelão da Colectividade, rezou uma missa por alma dos benfeitores e sócios falecidos. Assistiram a Direcção e grande número de sócios com o seu estandarte e uma banda de música, assim como diversas individualidades. A's 11 horas e no salão nobre da Associação realizou-se uma sessão solene comemorativa. Presidiu o Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara Municipal, secretariado pelos Srs. Dr. Joaquim de Oliveira Torres, Vice-Reitor do Liceu de Martins Sarmento e Prof. Mário Meneses, Provedor da Santa Casa da Misericórdia. Em lugares reservados viam-se ainda o Rev. Avelino Borda e outras individualidades convidadas.

A tuna, antes da sessão, e no fim, executou vários trechos de música escolhida.

O Sr. Carlos Pinto Leite, Presidente da A. Artística, leu um bem trabalhado discurso, principiando por agradecer a assistência do Presidente da Câmara à sessão, bem como às outras entidades presentes, apresentando à assistência o relatório dos trabalhos realizados pela colectividade.

Seguiu se-lhe o Rev. Avelino Borda, que, num improvisado discurso, salientou todo o bem fazer daquela instituição, relembrando o muito que a direcção cessante fez a bem da Artística, incitando a nova direcção a seguir-lhe na esteira de mais e melhor. Teve palavras de carinho e incitamento para as crianças premiadas, a quem aconselhou o cumprimento do dever. Feita a distribuição de prémios pelo Presidente do Município e depois das pala-

Aspectos do Porto

Ao trocar impressões, com o Director da Colónia Correccional de Vila Fernando, acerca de «Casais para Colonos» (há tanto por ele idealizados para os seus rapazes!) que se poderiam e deveriam construir para os que, ao atingir a maioridade, saem dos reformatórios, ouvi mencionar a Obra dos Dominicanos, aqui no Porto. Não conhecia essa Obra, e, como é natural, logo nasceu em mim o desejo de a conhecer bem de perto.

Marquei uma visita com um dos membros da Ordem Dominicana — Frei Gil Alferes — e confesso que dei por muito bem empregado o tempo em que o ouvi dissertar sobre assuntos sociais, nos quais está profundamente interessado. Verifiquei, com prazer, que os membros da Ordem Dominicana não se dedicam, como S. Domingos se dedicou, somente à oração e a estudos superiores que os intelectualizam ao nível dos da Ordem Jesuítica. A sua acção vai mais além, de molde a criar raízes que alimentarão ramos, flores e fruto.

A Obra Social a que se dedicam, é tão bela e útil, que nos faz esquecer a nódoa da Inquisição... a quem a sua Ordem esteve ligada.

Mas que Obra é essa, perguntar-me-ão. E' vasta, tem várias ramificações, mas, a principal, é o auxílio que, há já vários anos, vem prestando aos rapazes e às raparigas da rua.

Têm um «Patronato Agrícola» em Cervães — Prado — Braga — onde as crianças trabalham e brincam em contacto directo com a maior riqueza e melhor regeneradora da Terra: a Natureza!

Fazem o seu exame de instrução primária e, ainda que alguns enveredem por esta ou aquela profissão, conforme o seu desejo e jeito, o trabalho inicial é, sempre, o da Agricultura. Depois, têm a vantagem de jamais perderem a protecção dos seus amigos Dominicanos.

Quando chegam à idade de casar, escolhem a companheira durante festas e reuniões onde se juntam com as raparigas da sua esfera, protegidas, também, pela Ordem. O seu lar será, mui possìvelmente, em Africa — onde os dominicanos, em colaboração com o Ministro das Colónias, lhes darão um bom «Casal» a que não falte a alegria e fartura, de maneira a contribuir para edificante colonização.

A Ordem Dominicana é, como se sabe, mendicante — tal como a dos Franciscanos.

Portanto, é de esmolas que vive a «Obra Social Trabalho e Vida» educando crianças pobres para a família e colonização. Merece, pois, todo o nosso auxílio moral e material esta Obra a que voltarei a referir-me.

Isaura Correia Santos.

O amor à Terra e à Grei, eis o nosso lema.

vras de agradecimento pelo convite feito pela direcção e palavras de louvor às crianças premiadas, foi encerrada a sessão.

Seguidamente, foram contempladas com um bodo numerosas viúvas de sócios daquela modelar colectividade, assim terminando a encantadora festa do seu 78.º aniversário.

A fachada da sede da Associação esteve embandeirada durante o dia e iluminada à noite, tendo estralejado, no espaço, por ocasião da brilhante sessão solene, salvas de morteiros.

O Ministro da Economia fala à Nação

Palavras claras, exposição lúcida, realismo estatístico, desassombro político — foram entre outras, as características da conferência feita no dia 28 de Janeiro findo pelo Sr. Eng.º Daniel Vieira Barbosa, respondendo às críticas feitas à orientação da sua política.

Todos os problemas da produção do comércio e do consumo foram analisados, e as causas e consequências da conjuntura foram expostas com a maior franqueza a toda a Nação pelo Ministro da Economia. Tão importantes declarações, — o clarão do optimismo no mundo assombrado pela crise, — não podem ser resumidas. Têm de ser integralmente aproveitadas, — para que o público, na sua pormenorizada glosa, melhor avalie o esforço daquele Ministro, para quem não há interesse que se sobreponha à Justiça.

Desde a objectiva análise da crise de começos de 1947 até à normalização presente dos abastecimentos; no estudo dos problemas técnicos, na luta contra o «mercado negro», na defesa da ortodoxia política, — e em tudo o Eng.º Vieira Barbosa marcou um lugar, afirmou competência, coragem e personalidade. A Nação não o esquece nem lhe regateia incondicionais aplausos, — como o fez ao ouvir através da Emissora o seu discurso do dia 28.

Salientaremos hoje um capítulo dessa conferência, o que se refere ao volume das importações que bocas aporcalhadas dos traficantes da candonga e dos mal intencionados inimigos da Situação diziam ser um sorvedouro das reservas do País. Por isso, deixemos falar os números: «em 1947 importámos cerca de 47.000 toneladas menos que em 1946, não chegando a exceder em 7 por cento aquilo que importámos em 1939». Em substâncias alimentícias importámos em 1947 menos 65 000 toneladas do que em 1946, menos do que em 1945 e mais apenas cerca de 40 por cento do que em 1938, ano que tínhamos menos uns 800.000 habitantes; mas já em 1927, 1928 e 1930 importámos mais que no ano findo.

A importação de máquinas foi além do dobro da dos anos de 1938 e 1939, embora não atingisse em 1947 senão 73 por cento da importação de 1946.

De matérias primas ultrapassámos em 45.000 toneladas o volume de 1946, mas não fomos além do nível médio anual anterior à guerra; e em fios, tecidos e feltros não chegámos a importar 60 por cento da tonelagem importada em 1946, ficando sempre entre os 55 e os 60 por cento da importação feita em 1938/39.

De manufacturas diversas importámos mais ou menos quantidades iguais às que importávamos antes da guerra e apenas mais 25 por cento do que em 1946, aliás actuando já, em parte, dentro de um rígido condicionalismo de importações apenas do que é útil e necessário.

O preço dessas importações, foi apesar disso mais alto do que em 1946.

A característica primordial da nossa importação — disse o Eng.º Vieira Barbosa — é a vinda de elementos essenciais para a nossa indústria e para a nossa própria vida; só nos dez primeiros meses de 1947, a importação de matérias primas, de maquinaria, aparelhagem, ferramentas e navios, necessária para a nossa economia (não conto os automóveis particulares) e a importação das substâncias alimentícias, mediram-se por 82 por cento da nossa importação total, da qual só as matérias primas tomaram 40 por cento. Ao passo que o preço médio da tonelagem importada, em 1938 e 1939, oscilava entre 900$00 e 960$00, já em 1946 tocava os 2.750$, para atingir, em 1947, quase que 3.100$00.

Em contrapartida, as exportações portuguesas (óleos de origem animal, madeiras, resinas, bordados, vinhos e conservas), apesar da falta de divisas, dificuldades ocasionais, queda total de volfrâmio (que em 1943 atingiu 1.200 mil contos) alcançaram 3.900$ por tonelada, enquanto em 1938 esse valor médio não atingiu 800$00.

Temos assim, o valor específico da nossa importação multiplicado por 3,3 e o da nossa exportação por 4,9.

E como diante destes factos, que com a psicose da baixa levaram a uma rápida normalização dos mercados, se defendia o interesse público mas se combatiam os interesses especulativos, inventaram-se calúnias, argumentou-se com a existência de novos mercados, — e o Ministro que se mantivera como fio de prumo na conjuntura deixou propositadamente propalar o boato, insinuar a calúnia, para agora provar que tudo se fez para normalizar o mercado interno e para alargar os mercados externos, indo até ao ponto de transaccionar com países com os quais não temos relações diplomáticas.

As importações — que não foram, relativante, superiores às anteriores à guerra — foram e são produtivas porque baixaram os preços, aumentaram o poder de compra das classes médias, deram paz aos espíritos e aos lares, permitem o reequipamento económico e o futuro aumento de produção; as exportações asseguraram o máximo de rendimento à produção nacional e concorreram na medida do possível para a estabilidade da balança comercial, fatalmente deficitária mas que de ano para ano iremos modificando, não esbanjando em artigos sumptuários ou supérfluos mas aplicando as reservas prudentemente amealhadas, — como se o dinheiro fosse, como é, para o Estado Corporativo, um instrumento de utilidade social. E para ter a vida mais barata, abundância de géneros, instalar indústrias, refazer «stocks», vale a pena gastar, quando se não corre o risco, como em Portugal, de ver o fundo ao saco...

Eis uma importante conclusão do discurso do Ministro da Economia.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 12, o nosso prezado amigo sr. Amadeu Guimarães, activo Presidente do Sindicato Nacional dos Caixeiros; no dia 16, a senhora D. Maria da Natividade Simões de Sousa Meneses, esposa do nosso querido amigo e ilustre Provedor da Santa Casa da Misericórdia, sr. Mário de Sousa Meneses e os nossos prezados amigos srs. Dr. João Antunes Guimarães, ilustre Deputado à Assembleia Nacional, e Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio; no dia 17, a veneranda senhora D. Lívia Shindler Franco, viúva do saudoso Estadista, Conselheiro João Franco; no mesmo dia o sr. José Bernardino Marques, de Balazar, e o menino Alvaro Afonso Bravo de Castro, filho do nosso amigo sr. Alvaro Neves de Castro; no dia 18, os nossos prezados amigos srs. Dr. Leopoldo Martins de Freitas, distinto Director da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães e José de Freitas Guimarães Júnior; no dia 19, o também nosso prezado amigo e conceituado comerciante sr. António Pimenta e as senhoras Viscondessa de Nespereira, D. Ana Viamonte da Silveira e D. Maria de Lourdes Pinheiro da Costa, esposa do nosso prezado amigo sr. António José da Costa; no dia 20, a senhora D. Maria Joaquina Ribeiro, da Casa do Paço (Balazar), e o nosso prezado amigo rev. José Ferreira Leite; no dia 22, os nossos prezados amigos srs. José da Silva Martinho, das Taipas; Manuel da Costa, Chefe da Secção de Finanças de Felgueiras e Sebastião de Freitas.

"Notícias de Guimarães" apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

*

Fez anos no dia 6 mademoiselle *Maria Albertina de Freitas Martins da Costa, gentil filha da senhora D. Maria da Conceição Freitas Ribeiro Martins da Costa.*

— No dia 12 completou 3 risonhas primaveras a menina Maria da Glória Pereira Mendes de Oliveira, interessante filhinha da senhora D. Ana da Glória Belino Pereira Mendes de Oliveira.

Os nossos parabéns.

Partidas e chegadas

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Capitão José Guedes Gomes, de Fermil de Basto.

— Esteve nesta cidade, com sua esposa e filhos, o nosso prezado amigo sr. José Lopes Mota, empregado dos C. T. T. em Lisboa, que se dignou apresentar-nos os seus cumprimentos.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Coronel António de Quadros Flores.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo masculino a esposa do nosso prezado amigo sr. Luís Mendes Lopes Cardoso. Mãe e filho estão bem. Muitos parabéns.

— Teve também o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso prezado amigo sr. João de Almeida Ribeiro. Parabéns.

Doentes

Têm passado doentes a esposa do nosso bom amigo sr. José Pinto Pereira de Oliveira e o sr. P.e Joaquim Novais.

Desejamos as suas melhoras.

Diversas Notícias

Aviso aos contribuintes

E' durante o corrente mês que todos os contribuintes, colectados em sociedade na Secção de Finanças deste concelho devem ali apresentar a declaração do imposto complementar, seja qual for o rendimento colectável.

— Todos os contribuintes que residem fora da área deste concelho, e que aqui possuem bens imóveis, seja qual for o seu rendimento colectável, também têm de apresentar, no mesmo espaço de tempo, a declaração do referido imposto.

— Quando os contribuintes individuais prefaçam a soma total ou superior a 50.000$00, e que residam neste mesmo concelho, igualmente têm de apresentar a declaração aludida.

A falta da apresentação da declaração implica multa que, segundo nos informaram, é variável, mas sempre muito pesada.

Oficinas de S. José

Realizou-se, nas Oficinas de José, desta cidade, um agradável passatempo carnavalesco que chamou àquela simpática instituição, que recolhe já uma centena de rapazinhos que ali recebem instrução e educação, aprendendo também as artes e ofícios, sob a paternal direcção de monsenhor Domingos Gonçalves, uma numerosa assistência. Antes do divertimento o bondoso director das Oficinas e sob a presidência do Sr. Comendador P.e Augusto Borges de Sá, proferiu algumas palavras como preambulo para a distribuição de prémios aos internados que mais se distinguiram em comportamento moral, civil e religioso e também no seu adeantamento literário e artístico, após o que o Rev. Presidente P.e Borges de Sá procedeu à distribuição de prémios a bastantes alunos, sendo os contemplados saudados pela assistência com uma estrondosa salva de palmas.

O Sr. P.e Borges, no final elogiou os premiados e teve palavras de incitamento para os não premiados a fim de que, no próximo ano, o venham a ser. A seguir, deu-se princípio ao passatempo com a *Apresentação* e *Saudação*, em que os alunos José Vicente, Torcato Fernandes, Fernando Carneiro, F. Torrinhas e J. Figueiredo saudaram os membros da nova direcção e prestaram sentida homenagem aos grandes benfeitores da direcção cessante, cujos nomes foram proclamados, frizando bem as benemerências do seu Presidente, Sr. Comendador Pimenta Machado. Os pequenitos foram muito aplaudidos e o seu desempenho foi muito bom.

Seguiram-se-lhe vários monólogos, diálogos, cançonetas e comédias, desempenhadas pelos pequenos artistas com toda a naturalidade e que por isso mereceram os aplausos da assistência. Muito bem aos pequenos personagens e ainda muitíssimo bem ao ensaiador.

Novo chefe da Secretaria Judicial

A seu pedido foi colocado nesta cidade, como chefe da Secretaria Judicial o Sr. Dr. Francisco Brandão, que exerceu identico lugar na de Louzã.

Desastre. Um morto e seis feridos

Quando um grupo de pessoas se encontrava na Ponte de Caneiros, freguesia de Fermentões, a lançar um boneco de papel ao rio, conforme tradição antiga da gente daquele lugar, na noite de Carnaval, recebeu o embate do automóvel B I 10-18, que seguia desta cidade para Braga, conduzido pelo motorista Francisco da Costa, da Rua Egas Moniz, desta cidade, resultando ficarem feridas sete pessoas, uma das quais faleceu pouco depois de ter dado entrada no Hospital da Misericórdia. Os feridos são: Francisco de Oliveira Freitas, solteiro, de 18 anos, serralheiro; Jacinto Correia, de 29 anos, tecelão; José Fernandes Levandeira, casado, de 40 anos, calceteiro; residentes naquela freguesia; Joaquim António, solteiro, de 16 anos, operário; Raúl Monteiro, solteiro, de 18 anos, cuteleiro, aquele residente no lugar do Grão e este no lugar do Quintal, da referida freguesia; Domingos Francisco da Silva, solteiro, de 46 anos, do lugar do Miradouro, freguesia de Creixomil, e ainda Serafim da Silva, casado, de 50 anos, fiandeiro, do lugar das Varandas, freguesia de Fermentões, sendo este o que, em consequência dos ferimentos recebidos, veio a falecer pouco depois do embate.

Distribuição de géneros alimentícios

Segundo nos foi comunicado pela Delegação da I. G. A., já se encontram, em distribuição, os géneros correspondentes ao mês de Janeiro corrente nas seguintes captações:

GRUPO A (Urbanos) — Açúcar, 700 gramas; arroz, 550; azeite, 0,5 decilitros; sabão, 200 gramas.

GRUPO B (Rurais) — Açúcar, 250 gramas; arroz, 550; azeite, 0,5 decilitros; sabão, 200 gramas.

Acidentes

Quando Fernando Duarte Sampaio, residente na Póvoa de Varzim, conduzia a camionete de carga S M 11-01 de Guimarães para aquela Vila, transportando pipas de vinho, ao chegar ao lugar da Pisca, freguesia de Creixomil, e no momento em que cruzava com um automóvel, galgou umas pedras que se encontravam na estrada, caindo então 3 pipas, uma das quais foi atingir o auto ligeiro, que era conduzido pelo seu proprietário, Sr. Manuel Correia Gonçalves, do Pevidém.

Ambos os veículos sofreram grandes avarias, calculando-se os prejuizos em 15 contos. Não se registaram, felizmente, desastres pessoais.

Remetido ao Tribunal

A Polícia enviou ao Tribunal Arlindo da Silva, solteiro, de 17 anos, residente no lugar da Arrafina, freguesia de Creixomil, deste concelho, por haver atropelado, com uma bicicleta que tripulava, na Avenida Afonso Henriques, a menor de 6 anos Maria Aurora da Silva, residente com seus pais, na Rua Trindade Coelho, desta cidade, causando-lhe ferimentos no frontal e na mão esquerda, assim como escoriações pelo corpo.

Pela Penha

Em companhia do seu secretário particular e do Sr. José Gilberto Pereira, visitou no sábado, o Santuário Eucarístico da Penha, o Senhor D. Guilherme Augusto da Cunha Guimarães, venerando Bispo de Angra do Heroísmo.

Romaria de S. Braz

A tradicional Romaria de S. Braz, em S. Jorge de Selho (Pevidém), realizada no passado domingo, esteve, ao que nos informam, muito concorrida e animada, não se tendo registado, felizmente, quaisquer desordens ou desastres.

Desaparecida

Da residência de sua tia, à Rua Padre António Caldas, desta cidade, desapareceu, no dia 5 do corrente, a menor Maria Teresa, de 13 anos, de estatura mediana, cujo paradeiro se ignora.

A limpeza da cidade

Continuam em mau estado de conservação os exteriores de muitas casas da cidade, não obstante os seus proprietários já terem sido intimados a proceder às necessárias reparações. E' mister, pois, que sejam tomadas providências por quem de direito para pôr termo a tamanho desleixo, para não dizer desobediência ao que está determinado.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machodo, Rua da República.

Vida Católica

Conferências quaresmais — A exemplo dos anos anteriores começaram ante-ontem, no templo dos Santos Passos, as conferências quaresmais, que ali terão lugar em todas as sextas-feiras da quaresma e que este ano foram confiadas ao distinto orador sacro Rev. Alofsio de Sousa, de Braga.

O conferencista teve a escutá-lo, na pretérita sexta-feira, um numeroso auditório.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Maria Cândida de Araújo Mendes Félix

Na sua casa, à Rua Godinho de Faria, S. Mamede de Infesta, faleceu, no sábado passado, a Sr.ª D. Maria Cândida de Araújo Mendes Félix, senhora distinta e de excelsas qualidades morais.

Era viúva do saudoso industrial Francisco Augusto Pinto Félix, mãe extremosa da Sr.ª D. Maria Otília Mendes Moral e do nosso prezado amigo e activo gerente da Empresa Téxtil da Cuca, Sr. José Augusto Mendes Félix, sogra da Sr.ª D. Felisbela Diniz Barata Lima Félix e do Sr. Samuel do Carmo Moral, irmã da Sr.ª D. Emília da Conceição Araújo Bandeira e do Sr. Carlos de Araújo Bandeira e cunhada dos Srs. António Augusto Félix e Alberto Augusto Pinto Félix.

Sentindo o falecimento da veneranda senhora, apresentamos a toda a família em luto as nossas condolências.

O funeral efectuou-se na segunda-feira, pelas 15 horas e meia, com extraordinária concorrência de pessoas de todas as classes sociais, constituindo uma significativa e eloquente manifestação de saudade.

VENDE-SE

Cota de Fábrica de Tecidos, em laboração, no Concelho de Guimarães. Informa-se nesta redacção 743

Teatro Jordão

HOJE, às 15 e às 21 horas

Apresenta:

O FILME MAIS PREMIADO DA ACTUALIDADE

FARRAPO HUMANO

Quarta-feira, 18, às 21 horas:

Rosamund John e **Pamela Kellino** em

PECADO MORTAL

A história de um assassinio em que está envolvido um célebre cirurgião.

Sexta-feira, 20, às 21 horas:

UM CORAÇÃO EM PERIGO

Com **Ginger Rogers, Jean Pierre Aumont, A. Menjou** e **B. Rathbone.**

CONSELHO MUNICIPAL

Na sala das sessões da Câmara Municipal, reuniu, na Sexta-feira, o Conselho Municipal, sob a presidência do Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, para apreciação do Relatório da gerência do ano findo, sobre o qual usaram da palavra vários Conselheiros que discutiram diversos problemas de interesse para a Cidade e Concelho, como o Plano de Urbanização, assunto sobre o qual o Conselheiro Sr. Mário de Sousa Meneses apresentou uma proposta bem fundamentada no sentido de o mesmo plano ser entregue à Câmara Municipal conforme as condições do Contrato; iluminação pública; mendicidade; deficiência dos serviços policiais, limpeza da cidade e dos prédios urbanos, trânsito e estacionamento de automóveis nas artérias da cidade. O problema da habitação foi, também, muito debatido no decorrer da sessão.

Por fim foi resolvido mandar um telegrama ao Sr. Ministro da Economia manifestando-lhe o maior reconhecimento pela forma como foi resolvido o assunto da Moagem que tinha a sua sede em Guimarães e outro ao Sr. Ministro das Obras Públicas por haver concedido muitas e avultadas comparticipações para melhoramentos na cidade e concelho, lembrando ao mesmo tempo a Sua Excelência a necessidade dos melhoramentos hospitalares no Hospital da Misericórdia de Guimarães.

José Ropiz

Morreu um bom; um boémio?
Sim, eximio guitarrista!
Deus lhe dê bem justo prémio!
Seu coração era gémeo
Dum poeta e dum artista!

Almas em prece rezai;
Alguém deixou este mundo!
Corações fortes chorai,
Já que a guitarra não vai
Fica o sentir tão profundo!

Ele foi bom professor
Da divina Arte de Talma!
Vive em nós a mágoa e dor
Do sentimento e amor,
A' sua nobre e grande alma!

Gravada fica a saudade
No eterno recordar!
Nos corações a amizade
Viverá na eternidade
Em seu místico cantar!

Sobre a campa desfolhai
Pétalas de humildes flores!
E de joelhos rezai
Pela sua alma chorai
Corações dos trovadores!

Janeiro, 1948.

Aurélio Martins.

"Pensão Vitória"

Torna-se público que a «Pensão Vitória», da Rua Egas Moniz, Guimarães, da qual era proprietário o senhor Lopo Gonçalves, de Fafe, foi trespassada a João Ferreira Gonçalves por escritura de 23 de Janeiro do corrente ano, lavrada na Secretaria Notarial de Guimarães, ficando, porém, todo o passivo anterior àquela data a cargo do antigo proprietário, facto do qual se dá conhecimento a todos os interessados. 772

Certidão

Ernesto Ramos Faísca, Notário nesta cidade e comarca de Guimarães, com Cartório na Secretaria Notarial, sita na Rua Trindade Coelho número quatro:

CERTIFICO

Que de folhas quarenta e nove a folhas cincoenta e duas verso do respectivo livro número quinhentos trinta e um do Cartório a meu cargo se encontra a escritura do teor seguinte:

Escritura de constituição de sociedade por quotas que fazem Domingos Ferra de Oliveira Guimarães, João Afonso Mendes Ribeiro e Hernani Alberto Pina Viana:

Aos vinte e oito dias do mês de Janeiro de mil novecentos quarenta e oito, nesta cidade e comarca de Guimarães e meu cartório, na Secretaria Notarial, sita na Rua Trindade Coelho número quatro, perante mim Ernesto Ramos Faísca, notário nesta comarca e as duas testemunhas, ao diante nomeadas e no fim assinadas, compareceram como outorgantes: Primeiro — Domingos Ferra de Oliveira Guimarães; Segundo — João Afonso Mendes Ribeiro e Terceiro — Hernani Pina Alberto Viana, todos casados, industriais e residentes nesta cidade, pessoas cuja identidade certifico, por serem de mim conhecidas. E, na minha presença e na das referidas testemunhas, por eles outorgantes, foi dito: Que, pela presente escritura, constituem entre si, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

Primeiro

A sociedade adopta a denominação «**Sociedade Oleos Industriais, Limitada**».

Segundo

A sua sede é nesta cidade de Guimarães.

Terceiro

A sua duração é por tempo indeterminado.

Quarto

O seu objecto é o exercício do comércio de produtos químicos para as indústrias têxtil e de cortumes e qualquer outro que resolva explorar, com excepção do bancário.

Quinto

A sociedade teve o seu início em em quinze do corrente mês.

Sexto

O capital social é de quarenta mil escudos, divididos em três quotas uma de trinta mil escudos pertencente ao sócio Domingos Ferra de Oliveira Guimarães, outra de cinco mil escudos, pertencente ao sócio João Afonso Mendes Ribeiro e outra de cinco mil escudos, pertencente ao sócio Hernani Alberto Pina Viana, achando-se a primeira integralmente realizada em dinheiro e as duas restantes apenas dez por cento, obrigando-se os sócios João Afonso e Hernani a entrar com o restante no prazo de seis meses, a contar de hoje.

Sétimo

A cessão total ou parcial de quotas entre os sócios e a sua divisão pelos herdeiros e representantes do sócio falecido serão livremente permitidas, pelo que não carecem de qualquer consentimento ou formalidade prévia.

Oitavo

O sócio que queira ceder a sua quota a estranhos terá de a oferecer prèviamente, à sociedade e aos outros sócios, tendo aquela em primeiro lugar e estes em segundo, o direito de a adquirir pelo valor com que ela tiver ficado no último balanço geral aprovado, acrescido da respectiva parte no fundo de reserva legal.

Parágrafo único

Se a sociedade e os sócios declararem que não querem a quota alienada ou não responderem, dentro do prazo de dez dias, a contar da recepção do oferecimento, poderá a mesma quota ser livremente cedida.

Nono

A gerência da sociedade e a sua representação, em juízo e fora dele é confiada ao sócio Domingos Ferra de Oliveira Guimarães, as vendas ao sócio João Afonso Mendes Ribeiro e direcção técnica ao sócio Hernani Alberto Pina Viana, sem remuneração e com dispensa de caução.

Parágrafo primeiro

E' bastante, consequentemente, para obrigar a sociedade a assinatura do sócio Domingos Ferra, em aceites, saques, endosses e negócios semelhantes, sendo-lhe, porém, proibido assinar em nome da sociedade quaisquer actos ou contratos que digam respeito a negócios estranhos à mesma, tais como letras de favor, fianças, abonações e actos semelhantes ou assumir obrigações ou responsabilidades estranhas aos interesses da sociedade.

Parágrafo segundo

Se ele gerente infringir o disposto neste artigo perderá o direito aos lucros referentes ao ano em que se der a infracção e ficará além disso responsável para com a sociedade pelos prejuízos que lhe causar.

Décimo

As assembleias gerais, nos casos em que a lei não ordenar formalidades especiais para a sua convocação, serão convocadas pela gerência por cartas registadas, com dez dias de antecedência, pelo menos.

Décimo primeiro

Os lucros da sociedade serão divididos pelo sócios em partes iguais *das suas quotas*.

Parágrafo primeiro

Antes de repartidos os lucros, será retirada a percentagem de dez por cento para o fundo de reserva legal.

Parágrafo segundo

Na proporção da divisão dos lucros serão suportadas as perdas.

Décimo segundo

A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer sócio e continuará com os restantes e com os representantes ou herdeiros do sócio falecido ou interdito, salvo se estes preferirem afastar-se da sociedade. Neste caso, proceder-se-á a balanço e os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito receberão o que se apurar pertencer-lhes e que lhes será pago em quatro prestações trimestrais, iguais e sucessivas, as quais vencerão juro igual ao da taxa de desconto do Banco de Portugal.

Décimo terceiro

Os anos sociais serão os anos civis e os balanços serão dados em trinta e um de Dezembro, devendo estar aprovados e assinados até aos fins de Fevereiro imediato.

Décimo quarto

Em todo o omisso, regularão as disposições da lei de Onze de Abril de mil novecentos e um e mais legislação aplicável.

Assim o disseram, outorgaram e aceitaram, do que dou fé. Foram testemunhas, cuja idoneidade verifiquei, por serem de mim conhecidos, João Maria Dias, solteiro, maior, agenciário e António da Assunção Pires, casado, empregado no comércio, ambos residentes nesta cidade, os quais esta escritura vão assinar comigo notário e com os outorgantes, apondo estes, pela ordem porque atrás são mecionados, a sua impressão digital do indicador da mão direita, mas, depois desta lhes haver sido lida e explicada, em voz alta por mim notário, na presença simultânea de todos, outorgantes e testemunhas, e, tudo em acto contínuo. Domingos Ferra de Oliveira Guimarães — João Afonso Mendes Ribeiro — Hernani Alberto Pina Viana — João Maria Dias — António da Assunção Pires. O notário — Ernesto Ramos Faísca. Acham-se apostas três impressões digitais. Imposto do selo, compreendendo o do recibo — duzentos e oitenta escudos e vinte centavos (duzentos e oitenta escudos e vinte centavos). E. Faísca. A este contrato corresponde o verbete estatístico número — cinco — série H. C. conhecimento oitenta e nove. E. Faísca. Conta: número — um — vinte e cinco escudos, número — dois — noventa e cinco escudos, número — vinte e quatro — treze escudos e dez centavos. Soma — cento e trinta e três escudos e dez centavos. Adicional — vinte e sete escudos. Artigo — duzentos vinte e cinco — um escudo e cincoenta centavos, imposto do selo — duzentos e oitenta escudos, distribuidor — dois escudos e cincoenta centavos, verbete — setenta e cinco centavos, gastos — dezanove escudos e setenta e cinco centavos. Total — quatrocentos sessenta e quatro escudos e sessenta centavos. (Quatrocentos sessenta e quatro escudos e sessenta centavos). Registada no respectivo livro sob o número — centooitenta e quatro. E. Faísca.

Por me haver sido requerido fiz extrair a presente certidão do livro de notas já mencionado e vai conforme ao original. Guimarães e Secretaria Notarial vinte e nove de Janeiro de mil novecentos e quarenta e oito. Ressalvo as palavras a mais «das suas quotas». O notário, *Ernesto Ramos Faísca*.

Conta: Emolumentos — N.º — 11 — 3$00, N.º — 24 — 12$. Soma — 15$00. Adicional — 3$00, papel — 20$00, despesas — $50. Total — 38$50. (Trinta e oito escudos e cincoenta centavos). Recebi. Registada no respectivo livro sob o N.º — 192. E. Faísca. 771

MELHORAMENTOS PARA 1948

Segundo o plano elaborado pelo Sr. Ministro das Obras Públicas damos a seguir nota das obras a realizar no Concelho de Guimarães:

Conclusão do mercado de Guimarães (1.ª fase lojas sobre a Avenida Conde de Margaride) e demolição dos Paços do Concelho; ajardinamento e abertura de duas ruas no Campo do Prado, em Vizela; urbanização dos terrenos de casas de renda económica; pavimentação de arruamentos; Avenida de acesso ao Hospital de Vizela; conclusão do edifício da Sociedade Martins Sarmento; Quartel da G. N. R. em Pevidém, Matadouro de Guimarães, reparação das Oficinas de S. José em Guimarães, reparação da igreja paroquial de Santa Maria de Airão, obras de abastecimento de água de Guimarães, Creixomil, Moreira de Cónegos e Nespereira; conclusão da E. M. 30 da Penha ao alto de S. Simão, por Lapinha e Fornalha, 2.ª fase; construção da E. M. 13, de Lordelo a Vila Nova de Sande, 5.ª fase; construção do C. M. de Vizela à E. M. 207; alargamento e regularização do caminho de Ataíde à E. N. 105 e apeadeiro do mesmo nome entre as E. N. 101 e 309 através da freguesia de Atães — 1.ª fase; reparação e beneficiação do C. M. da E. N. 207 à E. N. 205 pela freguesia de Castelões, 1.ª fase.

No dia 27 de Fevereiro,

realiza-se em

S. Torcato

GRANDE FEIRA ANUAL
FESTA RELIGIOSA

No dia 27 de Fevereiro, no privilegiado local do Mosteiro de S. Torcato, incontestàvelmente um dos mais famosos centros de romagem, realiza-se a tradicional FEIRA FRANCA, anual, de gado bovino, e no majestoso templo grandiosas solenidades religiosas pela comemoação do aniversário do Martírio de S. Torcato. Durante o dia será transmitido, por 2 potentes alto-falantes, um escolhido programa de música de disco.

A Comissão Organizadora estabeleceu, para o certame da exposição de gado bovino e corridas de gado cavalar, os seguintes prémios a conferir aos melhores expositores:

Gado bovino — 1.º prémio, 300$00 ao expositor da melhor junta de bois de engorda; 2.º, 200$00 ao expositor da melhor junta de bois de trabalho; 3.º, 150$00 ao expositor da melhor junta de touros a 2 dentes; 4.º, 100$ ao expositor da melhor junta de touros sem desfecho.

Corridas de gado cavalar — 1.º prémio, 150$00 ao 1.º cavalo ou égua que mais correr a galope; 2.º, 100$00 ao 2.º classificado; 3.º, 60$00 ao 1.º jumento que menos correr; 4.º, 50$00 ao 2.º classificado.

Bicicletas — 1.º prémio, 50$00 ao ciclista que mais correr; 2.º, 30$00 ao 2.º classificado.

Notas — Os concorrentes aos prémios de gado bovino e corridas de gado cavalar terão de dar entrada, no local da feira, respectivamente, até às 13 horas, acompanhados dos respectivos animais e inscreverem-se imediatamente, até às 13,30 horas, na casa onde estão instalados os alto-falantes. A distribuição dos prémios ao gado bovino será feita às 16 horas. As corridas começam às 17 horas e nenhum dos corredores pode repetir a corrida, a não ser que a respectiva Comissão os autorize. Não é permitida a apelação para a decisão da Comissão. Todo e qualquer dos prémios só será conferido desde que apareçam, para gado bovino, dois concorrentes, e para as corridas, quatro concorrentes da mesma categoria, em condições de poderem ser inscritos. Além dos prémios indicados haverá muitos outros que a Comissão prèviamente anunciará por meio de alto-falantes, colocados nos terrenos da feira, e que serão um belo passatempo para o público que a esta feira assistir.

A Comissão está a trabalhar activamente para o estabelecimento de carreiras de camionetes entre esta cidade e o local da feira, tendo falado já com o respectivo empresário, o qual se prontificou a pedir a indispensável autorização. Se esta for concedida, as camionetes partirão da Casa Braga & Carvalho.

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão de Mesa de 6 de Fevereiro de 1948.

Sob a Presidência do Provedor Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa da Santa Casa da Misericórdia.

Depois de lida, aprovada e assinada a acta da sessão anterior, resolveu exarar na acta o seu reconhecimento a Suas Ex.as os Srs. Ministro do Interior e Sub-Secretário da Assistência pelo aumento do subsídio anual desta Santa Casa, tendo sido enviados telegramas aos citados membros do Governo a testemunhar-lhes o seu reconhecimento.

— A propósito do Bairro João de Melo, o Sr. Provedor apresentou a seguinte proposta, que foi aprovada:

«Em virtude de ter chegado ao seu conhecimento que alguns inquilinos do Bairro «João de Melo» praticam certos abusos, que esta Mesa não deve consentir, não só por transgredirem a essência do contrato de arrendamento, mas ainda por contrariarem a boa ordem e a boa disciplina da administração desta Santa Casa, proponho o seguinte:

— Que o Mesário respectivo, Sr. João A. da Silva Guimarães, seja incumbido de proceder a rigorosas averiguações naquele sentido e que do resultado dessas averiguações dê conhecimento à Mesa, na próxima sessão, a fim de que pela mesma sejam tomadas as devidas providências, no caso de haver motivo para isso.»

— Resolveu indeferir um requerimento do inquilino da casa n.º 25 do referido Bairro, Sr. Manuel Magalhães.

— O Sr. Provedor deu conhecimento de um ofício do Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Serzedelo a pedir a cedência gratuita ou por venda de um terreno existente naquela freguesia, pertencente a esta Santa Casa, para a construção do edifício Escolar. A Mesa, ponderando as razões que a levaram a não poder atender o pedido já anteriormente feito pela Câmara Municipal, sente não poder satisfazer a petição da referida Junta.

— Foi resolvido mandar proceder a reparações em vários prédios desta Santa Casa, ocasionadas pelos últimos temporais, em especial no Hospital de Vizela, onde os prejuízos são avultados.

— Também foi resolvido alterar os preços das entradas, para visitas aos Domingos, de tarde, para 2$50 por pessoa, a partir do próximo mês de Março e conceder uma licença de 30 dias, para tratamento, ao 2.º oficial da Secretaria Sr. Amadeu Soares.

— Verificou o cumprimento de todos os legados e aprovou o balancete do cofre, apresentado pelo Sr. Tesoureiro.

— Registou, com muito reconhecimento, os seguintes donativos:

Dos Srs. Brito & Gomes, de Vizela, 3 peças de pano para lençóis; da Família do Sr. Francisco de Faria, 100$0; de um anónimo, uma raza de feijão moleiro, para o Asilo de S. Paio.

Pela saúde das crianças

Na Santa Casa da Misericórdia desta cidade tem sido feita uma abundante distribuição de óleo de fígado de bacalhau. Entre outras, têm sido beneficiadas crianças do Asilo de Santa Estefânia, das Oficinas de S. José, da Creche de S. Francisco, das Escolas primárias, etc.

O referido óleo, na quantidade de 400 quilos, foi fornecido pela Junta de Província do Minho, iniciativa que se torna digna dos mais justos louvores.

Lêde e assinai o "Notícias de Guimarães"

Batatas de Semente

ESTRANGEIRAS — CERTIFICADAS

Para se obter boa produção, é necessário lançar à terra **BOA SEMENTE** e **BOM ADUBO.**

Não tenham ilusões! — Utilizando batatas não certificadas, não podem ter boa colheita!

Acabam de chegar batatas de semente, certificadas pelos Serviços Fitapatológicos, das seguintes variedades:

BINTJE --- EIGENHEIMER --- UP-TO-DATE e ALMA

BÓNUS AOS REVENDEDORES

Pedidos aos importadores directos:

Sociedade dos Adubos Labor, L.da

Rua do Loureiro, 70 --- PORTO

TELEFONE, 21792 756

Tem fábrica própria de adubos para **BATATAS, VINHA, OLIVEIRAS e demais culturas**

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA) (396

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Anexo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portugais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.

JOSÉ DE MELLO & C.ª

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: **Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO**
com **Armazens de Retem e Depósitos**
(Area coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS:
R. de Brito Capelo n.º 912 e **R. de Roberto Ivens n.º 903**

Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Ás Fábricas

Especialidade em artigos para Armazém de Fazendas Brancas, Malhas e Miudezas.

Agente Comercial com clientela adquirida há muitos anos no *Centro do País*, deseja aceitar colecções.

Informa: **Fábrica de Malhas de Santa Luzia**, Rua de Paio Galvão, Telefone, 4231, GUIMARÃES. 770

José Rodrigues Ferreira

HORTICULTOR

Casa da Lomba — Cabouco — Coimbra

Encarrega-se da plantação de oliveiras com todos os requisitos da nova técnica, assim como todas as plantas de fruto.

Pode ser procurado em Guimarães, na PENSÃO LOPES, à «Porta da Vila». 705

Garrafas vasias novas

VENDEM-SE. Falar na Rua da Liberdade n.º 29, com Mário Sampaio — GUIMARÃES.